

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE LETRAS**

**PATRÍCIA ALVES**

**NA CORDA BAMBA DAS EMOÇÕES:**  
**A representação de Lygia Bojunga, através da linguagem, do processo**  
**traumático infantil e sua importância na literatura.**

**SÃO LEOPOLDO**  
**2021**

PATRÍCIA ALVES

NA CORDA BAMBA DAS EMOÇÕES:

A representação de Lygia Bojunga, através da linguagem, do processo traumático infantil e sua importância na literatura.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em  
Letras - Português, pelo Curso de Letras  
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
- UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte

São Leopoldo

2021

Dedico este trabalho aos meus pais e ao meu irmão.

## AGRADECIMENTOS

Concluir a graduação é uma importante etapa para o crescimento pessoal, mas não é uma caminhada individual, é uma jornada conjunta. Para mim, é de extrema importância agradecer a todos que, de alguma forma, estiveram presentes ao longo dessa trajetória.

Aos meus pais, Susete Alves e Rogelnei Francisco Alves, pessoas incríveis que nunca largaram a minha mão, eu não tenho palavras que expressem o tamanho da minha gratidão. Sempre me proporcionaram o melhor que tinham, acreditando em meus sonhos e mostrando o quanto eu sou capaz. Mãe, obrigada por ser um grande exemplo de garra e coragem. Pai, obrigada por sempre lutar para que nada me faltasse, mostrando o quanto nossa força é maior do que imaginamos. Amo muito vocês.

Ao meu irmão, Jéferson Alves, agradeço por sempre estar disposto a me ajudar e me apoiar. Com você aprendi o que é amizade e companheirismo. Obrigada por ser o meu melhor amigo, amo muito você.

Aos meus amigos, Kalana Rodrigues, Eduardo Reichert, Gustavo Reichert, Maria Eduarda Christoff e Beatriz B. Horn, vocês foram muito importantes para que a graduação fosse mais leve e agradável. Aqueles que estão comigo desde o Ensino Fundamental, me sinto honrada e feliz por poder contar com vocês, nossos sábados com muita comida e filme tornam a minha semana muito melhor. Ao meu companheiro e amigo, Plínio Grzyb, que ouviu muitos desabafos sobre as dificuldades e alegrias do curso, agradeço por todas as vezes que me ajudou e por ter estado ao meu lado, amo você. Minhas amigas e companheiras de graduação, Carla Mattana e Laiana Valandro, sem vocês essa trajetória não teria sido tão gratificante e animada, nossas conversas e caminhadas pelo campus ficarão eternamente guardadas em minha memória.

Aos meus professores, de todas as etapas de ensino, obrigada por acreditarem na educação. Vocês, sem dúvida, auxiliaram na minha escolha de seguir a carreira docente, acreditando no poder da nossa profissão. Em especial, agradeço por ter a oportunidade de produzir este trabalho sendo orientada pela professora Márcia Lopes Duarte, uma mulher apaixonada pela literatura e pela sua profissão, que me incentivou e acreditou, desde o início, no meu potencial.

*“Há duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores.”*

Caderno H – Mário Quintana

*“A literatura infantil era uma coisa maravilhosa. Eu poderia ter passado anos acompanhando as delicadezas sutilezas, as simplicidades suaves com as quais transformaram essa arte a serviço da mente infantil.”*

Terra das Mulheres – Charlotte Perkins Gilman

*“Aguda é a dor  
Sem o amor.  
Não guardo rancor  
Desse desamor.  
Com o mais alto clangor  
Declaro minha paixão  
Pelo amor.  
Pela dor.”*

Devaneios Cotidianos de um claudicante – Jéferson Alves

## RESUMO

O presente trabalho aborda a representação, através da linguagem, de um processo traumático infantil na obra *Corda Bamba* da escritora Lygia Bojunga. A pesquisa tem como objetivo analisar a construção do discurso realizado por Bojunga, que estrutura o processo psicológico traumático da protagonista Maria. Além disso, o trabalho apresenta a importância da literatura infantojuvenil no desenvolvimento do sujeito, estimulando recursos para que, desde cedo, aprenda a compreender e saber lidar com problemas difíceis. Para tanto, três entrevistas com jovens leitores serão analisadas, tendo como base o aporte teórico construído ao longo da pesquisa. Através das falas coletadas, busca-se comprovar ou refutar a hipótese de que, através da linguagem, é possível construir uma narrativa que contribua no processo de desenvolvimento da criança, analisando a identificação dos leitores com a obra, a forma como a autora se comunica e a presença da literatura no cotidiano de cada um. A literatura é capaz de, através da fantasia, auxiliar a criança em seu amadurecimento emocional, mesmo quando algumas situações não possuem sentido em sua consciência imatura.

**Palavras-chave:** Literatura infantojuvenil. Lygia Bojunga. Processo traumático. Linguagem.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Representação do dispositivo da encenação da linguagem .....	11
Figura 2 - A situação de comunicação e a emoção.....	13

**LISTA DE SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ALMA	Astrid Lindgren Memorial Award



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 A LINGUAGEM COMO REPRESENTAÇÃO DE EMOÇÕES</b> .....	<b>14</b>
1.1 O sujeito enunciador .....	15
1.2 A emoção no contexto e na situação da comunicação.....	17
1.3 A emoção como objeto de estudo na linguagem .....	18
1.4 Trauma e Linguagem .....	20
<b>2 LITERATURA INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO</b> .....	<b>23</b>
2.1 A psicanálise na literatura infanto-juvenil.....	24
2.2 Os contos de fadas .....	25
<b>3 NA CORDA BAMBA</b> .....	<b>28</b>
3.1 A representação de Lygia Bojuga.....	29
3.2 O processo traumático da personagem Maria.....	31
<b>4 A PERCEPÇÃO DO LEITOR</b> .....	<b>35</b>
4.1 A identificação .....	35
4.2 A presença da literatura na vida do sujeito em formação .....	37
4.3 A comunicação com o leitor .....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>44</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>46</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

Por entender a importância da literatura desde a infância, o presente trabalho abordará a temática da representação do processo traumático na literatura infantil e juvenil. Atuando na educação básica há mais de três anos, foi possível perceber que a criança compreende os fascínios literários desde cedo, colocando a imaginação no ato de concretizar as diversas interpretações narrativas. Dessa forma, a hipótese a ser comprovada ou não é a de que, através da linguagem, é possível construir uma narrativa que contribui no processo de desenvolvimento da criança.

Dessa forma, entende-se que a literatura se torna essencial por estimular recursos para lidar com as emoções e contribuir no crescimento psicológico da criança, pois “A criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre a forma como ela pode lidar com estas questões e crescer a salvo para a maturidade.” (BETTELHEIN, 2002, p. 15). A obra *Corda Bamba*, da autora gaúcha Lygia Bojunga, alcançou um reconhecimento mundial pela sua forma magistral de percorrer entre o real e o imaginário, abordando assuntos profundos como a morte e a perda na infância.

Tendo como objetivo central analisar a construção do discurso de Lygia Bojunga, na obra escolhida, que estrutura o processo psicológico e emocional da personagem Maria, será desenvolvido um caminho teórico entre os estudos da emoção na linguagem e a psicanálise na literatura infantil e juvenil. Através da fala de leitores juvenis de 11 a 15 anos, busca-se analisar se a narrativa realmente estimula no processo de desenvolvimento social e emocional. Três crianças foram ouvidas, com realidades diferentes e com relações distintas com a literatura.

O problema que se busca resolver nesta pesquisa é como Lygia Bojunga constrói e significa o processo traumático vivido pela protagonista Maria na obra *Corda Bamba*. Na obra, a menina perde os pais com apenas 10 anos e, como ponto central da narrativa, ela percorre um processo psicológico de entender e superar o trauma de ter visto a morte dos dois. Lygia, além de ser uma autora conterrânea, nascida na cidade de Pelotas, também alcança o seu público infantil e juvenil utilizando uma linguagem cotidiana.

Bojunga é reconhecida internacionalmente pelas suas obras, pois “é uma escritora que fala para todas as idades, mas procura estabelecer diálogo antes de tudo com crianças e jovens.” (MALHEIROS, 2000, p. 2), tendo ganho o maior prêmio internacional em 2004, o ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award), que foi entregue pela Princesa Victoria na Suécia. Durante sua carreira, já foi reconhecida e premiada diversas vezes e em diferentes países. Sendo assim, é coerente utilizar uma autora brasileira, gaúcha e de extrema importância para a literatura infantil e juvenil, como análise da temática pretendida.

O livro *Corda Bamba*, como dito anteriormente, aborda uma importante problemática que é pouco trabalhada em narrativas infantis, que é a perda traumática dos pais. A obra cria uma linha tênue entre realidade e ficção em seus diálogos, o que torna a construção narrativa de Lygia muito mais interessante, pois a literatura “É aquela que a ‘separa’ do ‘real’. A literatura, portanto, encena a criação do ‘real’.” (SILVA, 2002, p. 145). A história já recebeu adaptação para o teatro e para televisão em países como Alemanha, Suécia e Holanda. *Corda Bamba* se encaixa perfeitamente para análise que é proposta no presente trabalho, pois, além de ser reconhecida na literatura, também traz uma diferente forma de representar, através da linguagem, temáticas delicadas para crianças.

Para a possível comprovação da hipótese levantada e para buscar a resposta do problema proposto, é necessário um levantamento teórico para a realização do trabalho. Percorrendo importantes pesquisadores, construiu-se um aporte teórico sobre a relação entre linguagem, emoção e desenvolvimento psicológico infantil.

No primeiro capítulo, serão construídos os conceitos de sujeito, situação e contexto de comunicação, tendo como base as teorias do linguista Patrick Charaudeau. Além disso, para entender melhor a funcionalidade da situação de comunicação entre escritor e leitor, também serão abordadas as teorias sobre a emoção como objeto de estudo da linguagem da pesquisadora Marinalva Vieira Barbosa. Ainda sobre a linguagem, as teorias desenvolvidas por Fernanda Canavêz e Regina Herzog auxiliarão na compreensão de como a língua pode representar o processo traumático do indivíduo. Sabe-se que sempre se quer algo com a língua, por isso, a partir desse embasamento teórico, será analisada a funcionalidade da língua no contexto da obra e dos leitores entrevistados.

A fim de compreender a relação entre o desenvolvimento psicológico e as contribuições da literatura para o mesmo, no Capítulo 2 serão construídos os

conceitos do psicólogo Bruno Bettelheim, que analisa a importância da literatura infantil para a psicanálise, tendo como objeto de estudo os contos de fadas. Ainda sobre esse aspecto, será abordada a contribuição do gênero contos de fadas, trazendo como exemplo alguns clássicos como *Cinderela* e *Branca de Neve*, tendo como base, além de Bettelheim, os pesquisadores Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso.

Em um terceiro momento, serão desenvolvidas as análises teóricas sobre a obra e sobre a escritora. Para tanto, serão utilizados os argumentos da professora Eglê Malheiros, em que percorre a importância de Lygia Bojunga na literatura infantil a sua forma de abordar assuntos e sentimentos importantes utilizando palavras do cotidiano, que representam a realidade das crianças brasileiras.

No quarto capítulo, serão analisadas, a partir do suporte teórico construído durante o trabalho, as falas dos três leitores entrevistados. Primeiro será construída a significação da identificação do jovem com a história narrada, sendo considerado os aspectos de linguagem e vivências. Em segundo, será argumentado sobre a importância da literatura presente no cotidiano do leitor juvenil, comparando as diferentes leituras e interpretações dos entrevistados, trazendo suas considerações sobre a presença da literatura, desde cedo, em suas vidas. Por terceiro, serão consideradas as teorias sobre a situação de comunicação, tendo como análise a linguagem utilizada por Lygia Bojunga. Nesse momento, será argumentado sobre a forma como a autora constrói uma relação com o jovem leitor.

Por fim, será realizada a reflexão sobre toda a construção teórica desenvolvida ao longo da pesquisa e de qual forma esses aspectos influenciam ou não no leitor. A partir das falas de jovens reais, será possível analisar a comprovação ou não da hipótese proposta e responder a problemática do trabalho.

O trabalho justifica-se pela extrema importância da literatura no desenvolvimento social, emocional e pessoal do sujeito. É necessário que o público infantil e juvenil tenha contato com obras que auxiliem no fato de que “[...] nossa maior necessidade e mais difícil realização será encontrar um significado em nossas vidas.” (BETTELHEIN, 2002, p. 3).

Tendo em vista minha experiência na educação, já comentada brevemente, o tema também se torna relevante por fazer parte do ensino básico, no qual os jovens brasileiros estão inseridos. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), contempla o trabalho literário em sala de aula desde os primeiros anos da trajetória escolar. A fim

de discutir e analisar diferentes culturas e realidades, o trabalho com a literatura proporciona esse conhecimento além do ambiente no qual a criança está inserida. No caso da autora, cuja obra será analisada, contemplaremos a produção nacional que deve ser valorizada e reconhecida.

Dessa forma, o trabalho, além de contemplar as faces positivas da literatura infantil e de analisar como ela serve de instrumentos para o desenvolvimento psicológico, também se justifica pela necessidade de discutir a necessidade de formar leitores desde o início da vida.

## 1 A LINGUAGEM COMO REPRESENTAÇÃO DE EMOÇÕES

Os estudos sobre as emoções na linguagem não são recentes nas áreas da filosofia e da psicologia, porém, são pouco recorrentes para as análises da linguagem e do discurso. Esse fator é compreensível, pois como reflete Saussure:

Na realidade, tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como a troca de sons; e já que a Linguística fornece à Psicologia social tão preciosos dados, não faria um todo com ela? (SAUSSURE, 2012, p. 38)

A análise da emoção no discurso é algo complexo pois, quando se afirma que a língua é um sistema, constituído por formas fonéticas, gramaticais e lexicais, esse fato dispensa todo o ato de criação vindo dos sujeitos e a coloca como objeto universal e racional, o que conversa com a citação anterior. Porém, Saussure (2012) explica que a língua é uma parte determinada, um produto social da linguagem, pois a linguagem é multiforme e excêntrica. Sabe-se que “É a linguagem que permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem.” (CHARAUDEAU, 2019, p. 7), dessa forma, entende-se que as emoções diversas podem e devem ser expressas na comunicação.

Ainda no século XXI, como aborda a pesquisadora Marinalva Vieira Barbosa (2010), as pesquisas da linguagem como representação de emoções apresentam dificuldades para definir a diferença entre ser uma expressão de emoção e provocar emoção no alocutário. Ainda não há um quadro teórico satisfatório que diferencie os fatores que influenciam a inscrição das afetividades na linguagem. Em uma pesquisa também realizada por Barbosa (2009), a autora argumenta que esses estudos são necessários para considerar termos linguísticos para melhor constituir o dizer de ordem emotiva.

Para tanto, é preciso considerar muitos fatores que permeiam o ato da comunicação. As emoções são expressas em uma multiplicidade de palavras, que são organizadas em determinado contexto, em um discurso específico. Dessa forma, é importante compreender a relevância da organização do discurso da emoção e refletir sobre como ele é desenvolvido.

## 1.1 O sujeito enunciador

Para entender a construção do discurso da emoção, é necessário abordar a finalidade do ato de linguagem. Como explica Charaudeau (2019) o sentido da comunicação não deve ser buscado somente na troca de palavras, mas no contexto em que se encontram os sujeitos envolvidos no ato.

Ao analisar o discurso, coloca-se em evidência quem fala e quem interpreta a fala, assim como a situação em que ambos se encontram, pois a situação de comunicação determina a identidade social e psicológica dos comunicantes. Ao pensar em um enunciado que expressa emoção, é importante pensar nesse contexto para melhor analisar o discurso.

Pensando que “A linguagem é um conjunto de meios que serve para um fim particular, a comunicação entre falantes.” (BARBOSA, 2010, p. 97), o principal objetivo da comunicação é descobrir a finalidade das palavras, sentenças e enunciados utilizados. Para tanto, o linguista Charaudeau (2019), organiza os sujeitos da comunicação em dois tipos de identidade, *os parceiros* e *os protagonistas*. Os primeiros dizem respeito aos seres sociais e psicológicos do ato de linguagem, assumindo uma posição externa, mas inscritos nele. Os *parceiros* são o *Locutor-emissor* e o *Interlocutor-receptor*, o que emite o ato de linguagem e o que recebe e interpreta. Os segundos referem-se aos seres de *fala*, que assumem uma posição interna na comunicação. Os *protagonistas* são o *Enunciador* e o *Destinatário*, sendo que o Destinatário depende do interlocutor para atribuir o seu papel, e o interlocutor só depende de si mesmo.

Como explica Barbosa (2009), o humanista Christophe Plantin defende que a organização do discurso materializa a estruturação do emotivo, “o enunciado de emoção atribui uma emoção a uma pessoa [seja ela o próprio locutor ou interlocutor] e, em certos casos, menciona a fonte da emoção.” (PLANTIN, 2003, p.108 apud BARBOSA, 2009, p.106). Dessa forma, é preciso considerar o esquema completo da situação de comunicação e todos os elementos nela envolvidos.

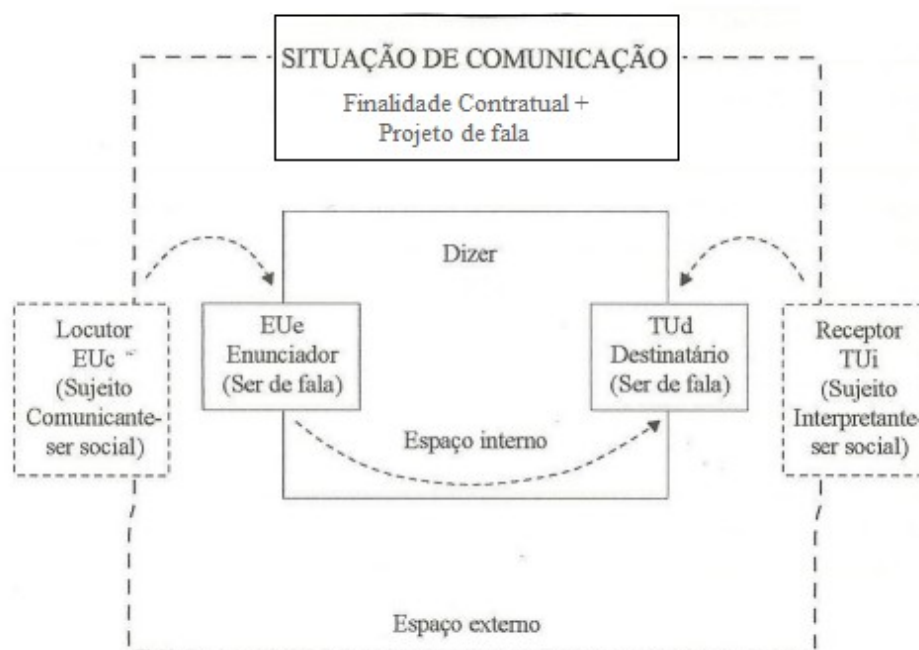


Figura 1 – Representação do dispositivo da encenação da linguagem (adaptado de Charaudeau, 2019, p. 77)

A emoção expressa no ato de linguagem pode ser interpretada de diferentes formas, dependendo do papel que o sujeito desempenha no contexto no qual está inserido. Por exemplo, quando o indivíduo anuncia “Estou triste”, ele apresenta a sua tristeza e, partindo disso, é necessário identificar os três elementos: quem fala (se é o sujeito responsável pela emoção), o que fala e porque fala. Pela utilização do verbo em primeira pessoa, entende-se que o *enunciador* é o sujeito da emoção. Quem fará essa análise dos elementos para sua possível interpretação, será o *destinatário*, que perceberá os indícios por trás da fala. O *Locutor* analisará seu sentimento e expressará com uma finalidade, e o *Receptor* perceberá os indícios de sua condição emocional.

Dentro de um texto narrativo, também haverá uma finalidade para o enunciado e uma situação de comunicação. Para que o objetivo seja alcançado, o foco estará nos *protagonistas*, assumindo um *Modo de organização Enunciativo*. No caso do modo narrativo, o discurso será construído através de uma sucessão de ações, uma organização lógica que mostrará a finalidade do relato. Como os *protagonistas* referem-se aos sujeitos de fala, ele assume o papel do enunciador, que será a figura que transmitirá toda a situação que envolve a construção narrativa.



## 1.2 A emoção no contexto e na situação da comunicação

A análise de um ato comunicativo levará em consideração os fatores que o envolvem, sendo eles o sujeito, apresentado anteriormente, e sua relação com um outro parceiro. Para tanto, é importante compreender a situação, que se refere ao ambiente físico e social do ato de comunicação, e o contexto, que se refere ao ambiente textual de uma palavra ou de uma sequência de palavras. Essa distinção entre os termos é proposta por Charaudeau (2019), que entende o contexto como um fator interno no ato de linguagem e a situação como algo externo.

A situação de comunicação constitui um espaço de troca entre os parceiros de fala, tendo como centro o locutor. Essa definição depende de algumas características, são elas: físicas, identitárias dos parceiros e contratuais. Esses pontos influenciarão no entendimento da troca de informações entre os parceiros do ato, pois, em uma situação de comunicação, sempre se quer fazer algo com a língua e, por isso, devemos nos questionar o que a língua está fazendo na circunstância em questão.

Ao falar sobre a emoção na linguagem, Charaudeau (2007) propõe que “[...] as emoções se originam de uma ‘racionalidade subjetiva’ [...] porque emanam de um sujeito do qual se supõe ser fundado de ‘intencionalidade’.” (CHARAUDEAU, 2007, p. 240). Dessa forma, a situação influenciará na comunicação, pois a relação entre os sujeitos e o objeto será feita através de representações. Em sua pesquisa, o linguista analisa os discursos políticos, argumentando sobre os fatores que influenciam emocionalmente os sujeitos envolvidos na situação de um debate.

Entrar em contato com o outro ocorre pelo viés de um processo de enunciação que consiste em: (a) justificar a razão pela qual se toma a palavra, pois tomar a palavra é um ato de exclusão do outro (quando um fala, o outro não fala) que é preciso poder legitimar e (b) estabelecer um certo tipo de relação com o outro no qual se assegura a ele um lugar [...] o sujeito falante recorre aos procedimentos de enunciação locutivos (Alocutivo, Elocutivo, Delocutivo) que estão em vigor no grupo social ao qual pertence [...]. (CHARAUDEAU, 2007, P. 244)

Esses processos podem ser analisados em todas as situações, pois o sujeito falante sempre assume uma posição no ato de fala, como é possível observar na imagem abaixo:

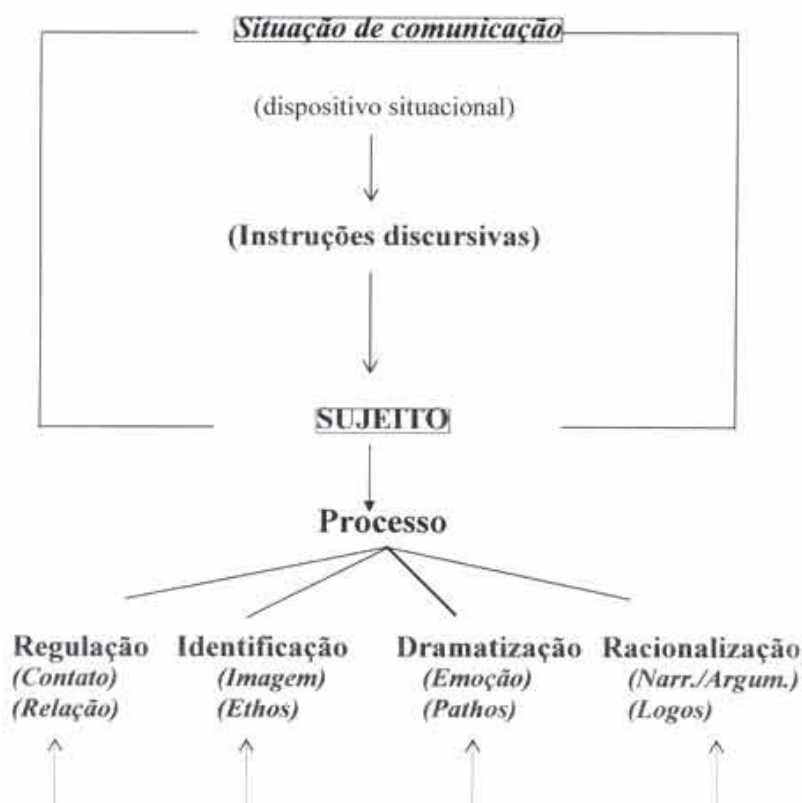


Figura 2 – A situação de comunicação e a emoção (adaptado de Charaudeau, 2007, p. 246)

Para entender a emoção dentro da situação de comunicação, é preciso levar em consideração as características gerais e os efeitos da linguagem. A fala será anunciada e interpretada pelos sujeitos que determinam a situação. A partir disso, será questionado quem eles são, qual o objetivo, qual identificação o ouvinte fará da fala, qual emoção será expressa (existindo distinção entre o que o falante deseja e o que ouvinte interpreta) e qual a captação do discurso realizado. Compreender tudo que envolve a comunicação já é algo que exige uma série de movimentos interpretativos, por isso, quando envolvemos a emoção na análise, há necessidade de uma abrangência maior nos estudos.

### 1.3 A emoção como objeto de estudo na linguagem

Os estudos linguísticos e discursivos envolvendo linguagem e emoção exigem, ainda, uma melhor construção do objeto e do campo teórico e metodológico.

A pesquisadora Marinalva Vieira Barbosa (2010) reflete sobre como a emoção deve ser objeto de estudo na linguagem no século XX, mesmo que “[..] a eventicidade das emoções que se transforma no maior obstáculo, pois resulta de associações que não interessam às ciências linguísticas [...]” (BARBOSA, 2010, p. 98).

Os pesquisadores têm como desafio, também, colocar a emoção em uma concepção de língua como sistema. Além disso, acredita-se que, sendo o homem um animal racional, sua língua não deve apresentar vestígios emotivos. Porém, Barbosa (2010) apresenta uma solução que envolve os estudos da estilística de Charles Bally, em que é estabelecida uma divisão entre *atos da língua* e *atos afetivos*. Sendo assim, “[...] as emoções passam então a ser a forma estilizada de exploração de um traço fônico, o emprego de determinados itens lexicais” (BARBOSA, 2010, p. 97).

A pesquisadora aponta outras perspectivas propostas por diferentes teóricos, como a de que Roman Jakobson que explica que a linguagem, sendo ela um mecanismo, sempre apresenta uma função principal. Nesse caso, a função da linguagem é a comunicação, tendo como finalidade a troca entre falantes. Para Jakobson, “A camada puramente emotiva, na língua, é representada pelas interjeições[...] A função emotiva, evidente nas interjeições, colore, em algum grau, todos os nossos propósitos, no nível fônico, gramatical e lexical.” (JAKOBSON, 1963, p. 122-123 apud BARBOSA, 2010, p. 98).

Já para Mikhail Bakhtin, autor e pesquisador russo, a linguagem não deve ser concebida como um sistema de normas, pois o sujeito não a mobiliza como um sistema, é a partir da enunciação que haverá a construção de sentido. Sendo assim, a língua passa a ser toda a comunicação verbal, pois não será o significado da palavra expresso no dicionário que definirá a avaliação, mas sim a internalização da palavra. Como sistematiza Barbosa (2010):

O que importa para um interlocutor que está alegre ou triste necessariamente não é o uso de tais signos linguísticos, mas aquilo que permite que as palavras usadas o figurativizem para seu interlocutor como um sujeito triste ou alegre. (BARBOSA, 2010, p. 103)

Portanto, para Bakhtin, é difícil pensar no ato de linguagem sem vestígios de emoção, pois o sujeito semantiza a língua na comunicação. Para a pesquisadora Barbosa (2010), até mesmo a entonação de uma palavra influencia na interpretação da fala. Dessa forma, “não é possível pensar em interlocutores racionais, detentores

de uma linguagem limpa e objetiva.” (BARBOSA, 2010, p. 104). A linguagem ultrapassa a consciência, “Ela é um produto da inteligência humana, uma criação renovada em cada indivíduo através de operações que ultrapassam o alcance da vontade ou da consciência.” (CHOMSKY, 1980, p. 10).

Sendo assim, se somos capazes, por natureza, de nos comunicarmos, pois “A linguagem é própria do homem.” (CHARAUDEAU, 2019, p. 7), nossas emoções seriam expressas durante a comunicação, de forma natural. Em uma situação de comunicação, sempre se quer fazer algo com língua, mesmo que de forma inconsciente. Dentro disso, cabe analisar o que a língua está fazendo em determinado contexto, para que se possa entender a intenção dos sujeitos nele envolvidos.

#### **1.4 Trauma e Linguagem**

A clínica psicanalítica também passa por transformações no século XXI, necessidades surgidas pelas mudanças em relação à época das teorias do psiquiatra Sigmund Freud. Em sua pesquisa, as autoras Fernanda Canavêz e Regina Herzog (2012), esclarecem sobre os traumas característicos da nossa época que reafirmam a coerência da problematização da linguagem.

Seguindo o pensamento contemporâneo, Canavêz e Herzog (2012), dialogam com as teorias de Freud, sugerindo que, utilizando seu discurso marcado pelo imaginário de sua época, a linguagem seja pensada além de sua face formalista. Para a representação traumática, a capacidade de construir metáforas, é uma das possibilidades da linguagem. Trazendo os estudos de Ferenczi, que avaliou um trauma infantil de abuso sexual mostrando o diferente discurso da criança e do abusador adulto, as pesquisadoras analisam os exemplos dessas falas. Eles possuem linguagens diferentes, a criança relaciona o seu corpo com o mundo que a rodeia, utilizando uma linguagem da ternura, e buscando no adulto a significação de seus sentimentos, como Canavêz e Herzog (2012, p.336) argumentam em seus estudos:

A capacidade de representar [...] é um dos predicados da linguagem e das possibilidades de simbolizar, mas não a única. Nessa perspectiva, as palavras despontam com a possibilidade de imitar as coisas. Para ilustrar a proposta, convém retomar um exemplo empregado por Ferenczi. É possível observar o fato de as crianças associarem as figuras de pênis e da árvore,

uma analogia estabelecida entre uma parte do corpo e um objeto pertencente ao mundo que as cerca.

Dessa forma, nota-se como a dimensão traumática é capaz de resgatar a intensidade das palavras. Por isso, argumenta-se que a linguagem é uma excelente aliada da psicanálise, em que diferentes formas de expressão, ou como as autoras chamam, complementaridade de línguas, ilustram a cena do trauma. Essa cena pode, inclusive, ser carregada por simbologias infantis ou por uma linguagem da paixão dos adultos.

Sabendo-se que é através da linguagem que o indivíduo pensa e age no mundo, quando uma criança sofre um trauma “estabelece relações entre coisas diferentes com base em uma semelhança aparentemente insignificante, aos olhos dos adultos [...]” (CANAVÊZ; HERZOG, 2012, p. 336). Ou seja, ela estabelece relações com o mundo que a rodeia e expressa, através de metáforas, os seus sentimentos utilizando a linguagem. Chomsky (1980), explica que a criança quando está descobrindo a linguagem, consegue “quase sem esforço, fazer uso de uma estrutura intrincada de regras específicas e princípios reguladores para transmitir seus pensamentos e sentimentos aos outros” (CHOMSKY, 1980, P. 10). Dessa forma, a linguagem está totalmente associada à psicologia, porque ela é a ferramenta utilizada para expressão de emoções.

Quando o indivíduo passa por uma situação traumática, esse momento fica “fixado” em seu inconsciente. Como é explicado pelas teorias de Freud, “O trauma é descrito como uma fixação psíquica na situação de ruptura.” (SILVA, 2002, p. 138). Ou seja, a pessoa que passou por um trauma, terá essa situação, repetidamente, em sua memória, mesmo que ela, às vezes, não perceba. Como o pesquisador Márcio Seligmann Silva também argumenta em seu trabalho, tendo como base o psicanalista Otto Fenichel, “Os traumas fazem parte [...] do desenvolvimento humano.” (2002, p. 139).

Expressar seus sentimentos sobre a cena do trauma, ou até mesmo conseguir descrevê-la apenas, lida com o fator linguístico. Silva (2002) apresenta os estudos realizados com pessoas que viveram a experiência traumática da Segunda Guerra Mundial e a “[...] impossibilidade de descrever o terror do Holocausto advém da impossibilidade de se libertar de sua imagem e do seu peso: a necessidade de testemunhar.” (p. 149). O trauma, muitas vezes, deixa o sujeito impossibilitado de

falar, de expressar-se através da linguagem. Assim, as palavras, a linguagem, as narrativas seriam formas de, também, auxiliar no processo de superação traumática.

## **2 LITERATURA INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO**

Os campos da psicologia e da filosofia estudam desde sempre a relação entre afetividade e inteligência, entre a razão e a emoção. O principal questionamento, nessas áreas, é se as emoções seriam prejudiciais ao funcionamento da racionalidade. Para tanto, Souza (2011) propõe uma reflexão sobre a transformação da concepção de natureza humana. A pesquisadora argumenta sobre a chamada “revolução” cognitiva após os anos 60, em que o ser humano passou a ser apresentado como um ser capaz de dedução lógica. Sendo assim, as emoções seriam “lamentáveis imperfeições da máquina cognitiva” (SCHERER, 1993, p. 98 apud SOUZA, 2011, p. 250).

Para entender melhor essa relação, é importante pensar no papel da afetividade durante o desenvolvimento cognitivo. Souza (2011) traz, também, a abordagem do psicólogo Henri Wallon, que privilegia o aspecto afetivo como papel importante no início da vida da criança. Para ele, “a emoção organiza a vida psíquica inicial e antecede as primeiras construções cognitivas” (SOUZA, 2011, p. 250). Através desse sentimento, que a criança será capaz de construir conhecimentos sobre o mundo e sua personalidade. Já para o psicólogo Levi Vygotsky, a razão é capaz de controlar emoções primitivas, com o domínio da linguagem e da cultura, “dito de outra forma, que na idade precoce a criança pensa seguindo os mesmos motivos que a impulsionam a realizar qualquer outra atividade, ou seja, sua satisfação.” (VYGOTSKY, 1999, p. 60 apud SOUZA, 2011, p. 250). Sendo assim, seu objeto de estudo é a consciência humana, acreditando que a afetividade e a inteligência se encontram na palavra: o significado e o sentido. Já o biólogo Jean Piaget constrói o argumento de que o afeto é necessário para a construção da inteligência, mesmo não sendo o único fator para esse desenvolvimento. Dessa forma, a linguagem, a palavra e a narrativa resultam em uma relação de reciprocidade entre sujeito e objeto e entre afetivo e racional.

Essas diferentes abordagens possuem diferentes métodos de pesquisa e teoria de conhecimento, mas todas desafiam os estudos sobre razão e emoção. A necessidade de superar essa dicotomia é construída a partir da compreensão de

que ambos são necessários na natureza humana, desde o início do desenvolvimento do sujeito.

## 2.1 A psicanálise na literatura infanto-juvenil

A fim de compreender a influência da literatura infantil no desenvolvimento psicológico da criança, o psicólogo Bruno Bettelheim (2002) realizou uma análise, em que, apresentando os Contos de Fadas, mostra a necessidade de que sejam dadas, em forma simbólica, sugestões sobre como lidar com questões da vida.

Segundo o psicólogo, à medida que as histórias apresentam essas situações, validam-se às pressões do Id, ou seja, as vontades impulsivas, mostrando caminhos para satisfazê-lo de acordo com os requisitos do Ego, a noção do que posso e não posso fazer, e o Superego, que institui noções de civilismo. Para tanto, esse domínio ocorre no subconsciente, como explica Bettelheim (2002, p. 26)

As experiências e reações mais importantes das criancinhas são amplamente subscientes e devem permanecer assim até que ela alcance uma idade e compreensão mais madura. É sempre invasor interpretar os pensamentos inconscientes de uma pessoa, tornar consciente o que ela deseja manter pré-consciente, e isto é especialmente verdade no caso da criança.

Dessa forma, a tarefa de, através da literatura e da linguagem expressa nela, conseguir uma consciência mais madura para organizar o caos do inconsciente infantil, é difícil, porém de extrema importância. Nas narrativas, a criança busca espelhar-se nas personagens, procurando características que lhe despertem simpatia, o que fica facilitado quando há personagens simples e diretos: “[...] as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre certo versus errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia.” (BETTELHEIN, 2002, p.18).

É por conta disso, que a literatura exerce um papel fundamental na formação do indivíduo. Como a pesquisadora Silva escreve em seu trabalho, “uma das principais características da literatura é a de não possuir limites: é a de existir constantemente negando seu limite.” (SILVA, 2002, p. 145). Através da imaginação, a criança construirá uma percepção sobre o mundo, aprendendo a expressar-se utilizando a linguagem, pensando e agindo em seu meio.



Os estudos que envolvem a literatura infantil e o processo de desenvolvimento psicológico, muito contribuíram para que houvesse mudanças no mundo literário. Como Ana Maria Machado expressa sobre a pesquisa de Bettelheim envolvendo os contos de fadas, “A partir daí, esses contos deixaram de ser o patinho feio da literatura e se transformaram em magnífico cisne, em condições de nadar ao lado de seus irmãos no lago artístico.” (2010, p. 12).

## **2.2 Os contos de fadas**

Os contos de fadas fazem parte da infância da maioria dos pequenos e grandes leitores, sendo, muitas vezes, o primeiro contato com a literatura. Sabe-se que, nos últimos anos, as discussões sobre a importância da formação do leitor desde cedo e dos múltiplos benefícios da literatura na formação do indivíduo, foram ampliadas e causaram um impacto na reforma educacional. Porém, algumas coisas não mudaram tanto assim, como o uso dos contos.

Mesmo possuindo o título “fadas”, os contos não precisam, necessariamente, conter fadas, “mas devem conter algum elemento extraordinário, surpreendente, encantador. [...] As fadas seriam as herdeiras das sacerdotisas de ritos ancestrais, já que a elas é reservada a função de veicular a magia.” (CORSO, CORSO, 2006, p. 26). Como explicam os pesquisadores, o elemento fantástico é o que garante a dimensão além do real nas narrativas e “[...] os exageros fantásticos do conto de fadas dão-lhe o toque de veracidade psicológica enquanto explicações realistas parecem psicologicamente mentirosas, embora verdadeiras de fato.” (BETTELHEIN, 2002, p. 32).

A maioria dessas histórias são produto de um arranjo que encontrou uma versão final em uma certa comunidade e foi preservada. Certamente muitas narrativas foram perdidas ao longo dos anos, levando em consideração a tradição de narrar as histórias sem registrá-las por escrito. Como é explicado pelo psicólogo Bettelheim (2002), a fantasia auxilia na compreensão da criança sobre problemas e situações cotidianas, devido à imaturidade de seu pensamento e falta de informações. Por conta disso, os contos de fadas nunca perderam sua relevância na literatura infantil, tornando-se objeto de diversas pesquisas pedagógicas.

Charles Perrault, um importante escritor do século XVII, é conhecido por seus registros de narrativas que mesclam problemas familiares e fantasia, como

Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Barba Azul, entre outros. Perrault notou que os contos de sua infância agradavam também aos seus filhos, pois estes ficavam fascinados pelas representações imaginárias que as obras carregam. Com isso, essas histórias, que eram conhecidas como grotescas e vulgares, tornaram-se um meio de educar e civilizar as crianças.

Um dos contos mais conhecidos é *Cinderela* ou *O Sapatinho de Vidro*, que conta a história de uma moça que perdeu sua mãe muito cedo e é obrigada a conviver com sua madrasta e as filhas dela. Cinderela é maltratada pela nova esposa do pai, sendo responsável pelos serviços pesados da casa e sendo mantida em um sótão. Desde o início da narrativa, nota-se a maldade das filhas da madrasta, fazendo com que Cinderela sintasse inferior e chamando-a de “gata borralheira”. O próprio nome Cinderela carrega uma definição significativa, pois é a junção de *Cinder*, que significa cinzas em inglês, e *Ella*, que é o nome da personagem.

A história se encaminha para um ensinamento importante, quando a moça gentil e, até então, humilhada recebe um presente da fada madrinha, sua vida muda completamente. A história registrada por Perrault apresenta a seguinte moral:

É por certo grande vantagem  
Ter espírito, valor, coragem  
Um bom berço, algum bom senso –  
Talentos que tais ajudam imenso.  
São dons do céu que esperança infundem,  
Mas seus préstimos por vezes iludem,  
E teu progresso não vão facilitar,  
Se não tiveres, em teu labutar,  
Padrinho ou madrinha a te empurrar.  
(PERRAULT, 1697 apud MACHADO, 2010, p. 31)

Através dessas narrativas, há séculos, como dito anteriormente, é transmitida uma mensagem aos pequenos ouvintes e leitores. Como argumentam os pesquisadores Diana e Mário Corso, “Cinderela dá um colorido forte a sofrimentos como o de não ser amada pelo pai, que a abandona à mercê da mulher perversa e da dor pela perda da mãe boa.” (CORSO, CORSO, 2006, p. 137), e nesse sentido, é possível perceber que esses fatores continuam na literatura infantil, como em *Corda Bamba*, objeto de estudo deste trabalho.

Além do conto *Cinderela*, existem outros diversos que trabalham com sentimentos e emoções semelhantes. No caso de *Branca de Neve*, utilizando a versão registrada Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como irmãos Grimm, também

se conta a história de uma menina que perde sua mãe muito cedo. Com essa perda, seu pai casa com uma outra mulher extremamente vaidosa e malvada, que faz com que a trajetória da Branca de Neve seja muito mais complicada.

Dessa forma, é possível observar como a literatura infantil sempre teve sua importância. Por mais que na década de 1960 esses contos tenham sofrido algumas acusações, como traz Machado (2010), “O gênero era acusado dos mais diversos males: elitismo, sexismo, violência, moralismo, maniqueísmo.” (p. 11), a psicanálise conseguiu rebater o discurso contrário às narrativas populares. Bettelheim (2002) foi um importante pesquisador que contribuiu para que os contos de fadas fossem reconhecidos pela sua importância.

Hoje, ainda há muitas discussões sobre assuntos abordados na literatura infantil, como morte, educação sexual, entre outros elementos fortemente presentes em nossa sociedade, mas, como já foi apresentado durante a pesquisa, a abordagem simbólica dessas discussões, que são fatos reais da humanidade, auxilia no desenvolvimento do indivíduo como sujeito social. Esses ensinamentos fazem parte da literatura há séculos, e continuam vivos e coerentes.

### 3 NA CORDA BAMBA

A quinta obra publicada de Lygia Bojunga recebeu o título de *Corda Bamba*. Lançada no ano de 1979, a narrativa tem como protagonista uma menina chamada Maria, que “faz um mergulho perigoso em busca da verdade e dele volta ressegurada e em condições de lutar contra a prepotência da avó.” (MALHEIROS, 2000, p. 3). Isso acontece quando a personagem é obrigada a morar com sua avó, cujo nome também é Maria, devido a morte de seus pais.

As personagens Barbuda e Foguinho, amigos de Maria e de seus pais, que também trabalhavam no circo, ficam responsáveis por levar a menina até sua nova moradia. Os dois, principalmente a Barbuda, representam uma segurança nessa nova etapa da vida de Maria. Por conta disso, a menina sente-se “abandonada” no início da narrativa, sem saber como agir e como se comportar na casa dos avós. Na residência, também se encontra um menino chamado Quico, que está passando um tempo na casa enquanto seus pais, amigos dos avós de Maria, viajam.

Nessa nova fase de descobertas e mudanças, Maria embarca em sonhos que revelam importantes momentos de sua história. Da janela de seu quarto, era possível ver diversas janelas de apartamentos. A menina admirava aquela paisagem, contando os andares dos prédios e observando os moradores através das janelas.

Em seus sonhos, Maria atravessava a janela em uma corda bamba e chegava em um andaime que estava no prédio da frente. O acontecimento tornou-se rotina, ela considerava o momento de passeio. “Foi naquele momento que Maria resolveu que a corda ia ser o calçadão dela: todo dia de manhã cedo ela ia sair pra passear.” (BOJUNGA, 1996, p. 48), e nesses passeios a menina começou a abrir portas que lhe revelavam cenas de sua vida.

Maria tem a oportunidade de encontrar seus pais, Márcia e Marcelo, em momentos nunca vistos por ela. Através das portas, ela descobre como os dois se conheceram, a paixão que tinham pela corda bamba no circo, e como ocorreu a morte dos dois.

Como é característico em Lygia Bojunga, a obra mostra uma menina, em torno de seus dez anos de vida, que atravessa obstáculos emocionais até chegar no momento traumático de sua trajetória, a morte de seus pais. Através das portas que

se abrem nos sonhos, Maria vê o momento em que seus pais são praticamente obrigados a se colocarem em perigo ao atravessarem a corda sem proteção e a uma altura perigosa. Ao reassistir a cena da queda dos dois, Maria reencontra-se na vida e consegue abrir novas portas, que representam o seu futuro. “O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindo-as todas, e vai arrumando cada quarto, e cada dia arruma melhor, não deixa nenhum cantinho pra lá.” (BOJUNGA, 1996, p. 125).

### **3.1 A representação de Lygia Bojunga**

Cada autor possui uma forma e uma relação diferenciada com a escrita e com seus escritos, assim como cada indivíduo em seu meio social. A autora gaúcha Lygia Bojunga, conhecida por suas obras destinadas ao público infantil e juvenil, escreve histórias que” [...] fundamente enraizadas na realidade, lançam mão da fantasia tanto para criar o estranhamento, que permite a visão de situações de outro modo por demais dolorosas, como para proteger a superação dos conflitos.” (MALHEIROS, 2000, p. 2).

Tendo como base a argumentação de Bettelhein (2002) sobre a importância da representação simbólica, através das narrativas, como formas de lidar com problemas difíceis, Bojunga consegue estabelecer um contato com o interlocutor infantil e juvenil em um processo de amadurecimento. Para ela, a criança pode ser comparada a um equilibrista, que precisa passar por alguns obstáculos para chegar ao outro lado. A autora possui uma característica pouco presente nos escritores brasileiros, que é o fato de entender a criança como um ser pensante e tratá-la com respeito.

Para alcançar tal objetivo, a escritora utiliza uma linguagem coloquial em que “[...] as palavras do cotidiano são usadas e combinadas com maestria e muitas vezes deixam de lado o prosaico e se embrenham no poético.” (MALHEIROS, 2000, p.2). Além disso, Bojunga utiliza a fantasia para apresentar personagens que ultrapassam barreiras e dificuldades da vida, e que “[...] estão sempre desvelando fatos e situações, tentando fazer a luz incidir em desvãos, tanto interiores (a nível psíquico) quando exteriores (a nível histórico-social).” (MALHEIROS, 2000, p. 3).

O livro *Corda Bamba*, por exemplo, é escrito de forma clara e com uma linguagem cotidiana, a fim de alcançar o seu objetivo principal, que é a comunicação com o público infantil e juvenil.

As duas vinham andando pela calçada – a Mulher Barbuda e Maria. De mão dada. A Mulher Barbuda usava saia, barba e uma sacola estourando de cheia; Maria, de calça de brim, um embrulho debaixo do braço, ia levando a tiracolo um arco enfeitado com flor de papel, quase do tamanho dela (não era muita vantagem: ela tinha dez anos mas era do tipo miúda). Pararam na frente de um edifício. Barbuda falou:  
- É aqui, tá vendo? 225. – Olhou pra trás: - Foguinho! Ei!  
(BOJUNGA, 1996, p. 9)

O trecho é referente ao início da narrativa e exemplifica como é a escrita de Bojunga durante toda a obra, sempre buscando descrições realistas. Nota-se que quando a autora escreve as falas das personagens, ela utiliza a linguagem de forma coloquial de fato, com conjugações como “Tá”, chamamentos como “Ei”, sempre o mais próximo possível da realidade do leitor.

Um importante fato a ser ressaltado sobre a obra, é que ela foi publicada no ano de 1979. Ou seja, termos como “brim”, não fazem mais parte da vivência dos jovens que leram a narrativa no ano de 2021. Mas, como Chomsky explica de forma mais teórica, “O espírito fornece os meios para a análise dos dados da experiência, e fornece também uma esquematização geral que delimita as estruturas cognitivas desenvolvidas com base na experiência.” (1980, p. 12). Quer dizer, Chomsky vê a linguagem como um espelho do espírito, o que no uso cotidiano, somos capazes de decifrar a complexidade da língua humana.

Esse fato não se dá apenas pelo uso de uma palavra que não está mais em uso na atualidade, ou pelo menos na realidade dos mais jovens que vivem em condições urbanas e de renda média, mas que uma criança consegue estruturar significado naquilo que lhe é desconhecido, levando em consideração as suas vivências e estruturas cognitivas que são capazes de configurar tal assimilação.

Dessa forma, Bojunga não só atinge o óbvio com sua literatura, mas também possibilita que o jovem leitor reflita sobre a linguagem que lhe é oferecida. É uma narrativa que ultrapassa gerações e décadas, pois sempre estará atualizada. O ser humano sempre será capaz de pensar e ir além dos fatos concretos, seja qual for a realidade em que ele está inserido.

### 3.2 O processo traumático da personagem Maria

Como explicado anteriormente, a personagem Maria passa por um processo traumático ao ver seus pais perderem a vida ao caírem de uma corda bamba. Com isso, a menina é levada à casa de sua avó, onde será sua nova moradia. Além disso, ela precisa deixar seus amigos do Circo, a Barbuda e o Foguinho. Durante a narrativa, Maria vai abrindo portas em sua inconsciência que lhe trazem lembranças e, dessa forma, vai construindo o seu amadurecimento e entendimento sobre o fato ocorrido.

Bettelhein explica que “Para dominar os problemas psicológicos do crescimento [...] a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente” (2002, p. 8). Sendo assim, é possível afirmar que Maria percorre um caminho, durante a narrativa, que a leva ao entendimento de seus sentimentos. Esse processo se inicia com sua chegada em sua nova casa, momento em que a personagem mantém um silêncio, comunicando-se com poucas palavras. Esse comportamento explica-se pelo fato de que “O discurso é um espaço sem garantias rígidas e por isso é necessário o trabalho, o que obriga o sujeito a trabalhar com e sobre a linguagem para dar conta de um projeto de dizer.” (BARBOSA, 2010, p. 107), dessa forma “Uma criança não pode aceitar conscientemente que sua raiva a deixe sem fala [...]” (BETTELHEIN, 2002, p. 30), ela simplesmente age sem entender o porquê de seu comportamento.

É notável que Maria cria um laço de confiança com as personagens Barbuda e Foguinho, principalmente a primeira citada, após a morte de seus pais. Logo no início da narrativa, observa-se uma cena em que a menina não larga a mão de Barbuda, mantendo distância dos demonstrativos de afeto de sua avó. A Dona Maria Cecília, a avó, utiliza-se de um vocabulário acolhedor, em que tenta mostrar carinho à sua neta.

- Bom, isso agora não interessa mais. – Se abaixou. – O que importa é que você chegou, não é, **minha boneca?** Mas deixa eu ver, você não cresceu muito nesses três anos. E o rosto? Levanta o rosto, **meu amor**, olha para vovó. [...]  
(BOJUNGA, 1996, p. 11, grifos da autora)

Como explica a pesquisadora Barbosa, “Pode-se dizer que os signos de cunho afetivo apresentam um potencial semântico próprio da língua, mas a

consideração do contexto concreto de sua realização é fundamental para a sua definição.” (2009, p. 114). Os termos “minha boneca” e “meu amor”, apresentados em uma situação de fala entre avó e neta, tendo como base as definições apresentadas no capítulo 1, em uma combinação de diferentes elementos como recurso linguístico, razão de produção do discurso, serão classificados como um discurso de emoção.

A mesma situação comunicativa acontecerá na primeira conversa por telefone entre Barbuda e Maria, após a menina ficar sozinha na casa da avó. Em um momento raro, Maria fala sobre seus sentimentos e desabafa com sua protetora. Neste momento, Barbuda utiliza os chamamentos “filhinha” e até mesmo refere-se a Maria como “Maricota”.

Barbuda foi em um orelhão e telefonou para Maria.  
 - Alô? **Maricota**? Ah, que saudade, **filhinha**! Olha, a gente tá indo embora, viu? Alô? Alô? [...]  
 (BOJUNGA, 1996, p. 29, grifos da autora)

Da mesma forma que o modo de enunciação de sua avó e de Barbuda demonstram um lado afetivo, o silêncio de Maria também apresenta uma emoção característica. A personagem falará pela primeira vez quando é colocada em uma posição de angústia.

Maria largou a mão de Barbuda pra não deixar Quico puxar a flor. Ele puxou. Ela pediu baixo, aflita:  
 - Cuidado. Vai rasgar.  
 - Pra que que serve?  
 - Tá rasgando, cuidado.  
 (BOJUNGA, 1996, p. 13)

Após o ocorrido específico, Maria retorna ao silêncio. Um acontecimento próximo que também exemplificará a questão de demonstração de afeto por parte da avó, é quando a personagem anda na corda bamba, mesmo contra a vontade de Dona Maria Cecília. Neste momento, nota-se uma mudança de humor da pequena menina.

Barbuda e Foguinho se olharam: era a primeira vez, naquele mês, que Maria fazia uma brincadeira, sempre tão séria, pensando tanto. Mas era também a primeira vez, naquele mês, que Maria andava na corda.  
 (BOJUNGA, 1996, p. 16)



Mesmo que a situação tenha sido de suma importância para Maria e seu estado emocional, sua avó demonstra um certo incomodo com a “desobediência” da menina. Nesta cena, quando Maria termina sua apresentação na festa, Dona Maria Cecília passa a chamá-la por somente “Maria”, sem os nomes afetivos.

Em uma conversa privada, Barbuda relata que Maria prefere não comentar sobre o ocorrido com os pais. Ao narrar o comportamento da menina, a personagem deixa explícito sinais de depressão. Dona Maria Cecília questiona se a Maria viu a cena e Barbuda afirma:

- Viu. E depois desatou a dormir. Dormiu um dia, uma noite, outro dia, outra noite. A senhora não tá acreditando, mas eu dou a minha palavra de honra que é verdade. A gente já tava numa aflição danada achando que ela era capaz de habituar e não querer acordar nunca mais. (BOJUNGA, 1996, p. 19)

Barbuda continua contando sobre a mudança de Maria, relatando que nunca comentou sobre o assunto, pensando até que ela poderia ter esquecido. A avó, por outro lado, afirma que criança possui memória boa. O fato de ter que trocar de moradia não agradava a menina, mas ela aceitou por confiança em Barbuda e Foguinho, que acreditavam ser o melhor para ela. Logo na primeira noite em seu novo quarto, Maria observou as janelas e sonhou com a travessia pela corda. Como é colocado por Bettelheim, “[...] os sonhos são o resultado de pressões internas que não encontram alívio, de problemas que bloqueiam uma pessoa, para os quais ela não conhece nenhuma solução para os quais os sonhos não encontram nenhum.” (2002, p. 36). Ou seja, através desse recurso, a personagem busca um entendimento, ou até mesmo explicação, para aquilo que estava sem significação, a perda de seus pais.

Para aprofundar ainda mais a explicação de como Bojunga descreve esse processo traumático, pode-se considerar a teoria do trauma, que é apresentada pela pesquisadora Silva (2002). No caso, Freud analisa pessoas traumatizadas pela Primeira Guerra Mundial, mas o processo pelo qual elas passam para superar, ou apenas aprender a conviver com o trauma, pode ser comparado com o que a autora de *Corda Bamba* apresenta em sua narrativa.

“[...] neuroses traumáticas são caracterizadas, escreveu Freud então, pela “fixação no momento do acidente traumático que está em sua base. Esses doentes repetem nos seus sonhos regularmente a situação traumática.” (SILVA, 2002, p. 138)

Essa situação que é repetida em sonhos, pode ocorrer de forma vaga e incompleta. Durante a trajetória de Maria, nota-se que as lembranças, ainda perdidas em significação, a levam até o momento exato da cena traumática. Ao conseguir entender o ocorrido, a personagem finalmente encontra-se em meio ao caos.

O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindo elas todas, e vai arrumando cada quarto, e cada dia arruma melhor, não deixa nenhum cantinho pra lá. Num quarto ela bota o circo onde ela vai trabalhar; no outro os amigos que ela vai ter. Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de poder escolher. (BOJUNGA, 1996, p. 125)

Como é colocado por Bettelheim (2002), a mais difícil tarefa é encontrar um significado em nossas vidas, colocando isso como razão para que muitos deixem de desejar a vida. Nesse caso, Maria conseguiu “[...] uma consciência mais madura para civilizar as pressões caóticas de seus inconscientes.” (BETTELHEIN, 2002, p. 22), ela aprendeu, mesmo que ainda criança, a entender os seus desejos e anseios. Como Bojunga coloca como última frase de sua obra, Maria ainda não pode escolher quais portas abrirá, mas ela está em um caminho de amadurecimento para que, no futuro, ela seja capaz de optar e controlar suas escolhas e sentimentos.

## 4 A PERCEPÇÃO DO LEITOR

O último capítulo do trabalho apresentará uma análise de dados coletados, com base na teoria já apresentada, a partir de entrevistas realizadas com jovens leitores. As crianças serão analisadas quanto à linguagem que utilizam ao retratar suas leituras sobre as experiências traumáticas vividas pela personagem, sendo colocadas como sujeitos comunicadores, pelo contexto no qual estão inseridas e no qual realizaram a leitura. Além disso, o conteúdo também servirá como suporte para a comprovação da importância da literatura infantil e juvenil como integrante da formação cognitiva, emocional e social do indivíduo.

Para tanto, três crianças, na faixa etária entre 11 e 15 anos, foram ouvidas. Todas residentes da cidade de Novo Hamburgo, mas com diferentes realidades sociais. A pesquisa foi realizada somente com as crianças autorizadas, por meio de documento assinado, por seus responsáveis. Com a coleta dos relatos<sup>1</sup>, foi possível uma comparação com a linguagem representada na obra e com os estudos da linguagem como forma de apoio à psicanálise.

### 4.1A identificação

Como explica Bettelheim, durante a leitura “[...] as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo versus o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia.” (2002, p. 10). Sendo assim, cada leitor interpretará e se identificará de diferentes formas com a mesma obra, levando em consideração a sua trajetória e suas vivências. Durante a conversa realizada com os entrevistados, foi possível observar que cada um trouxe uma perspectiva sobre essa identificação com as personagens e com as situações descritas na narrativa.

Tendo como base a teoria desenvolvida no capítulo inicial desta pesquisa, em que se entende a linguagem como forma de expressar emoções e sentimentos no mundo, analisamos as distintas respostas que recebemos. Além disso, também será analisada a situação de comunicação estabelecida durante a troca de conhecimentos e experiências. Todos os leitores foram entrevistados em suas casas, em um momento descontraído, proporcionado pela entrevistadora e pesquisadora, em que não era necessária uma atenção especial para a linguagem

---

<sup>1</sup> A transcrição dos relatos encontra-se em anexo.

padrão. O principal objetivo, no momento da conversa, foi criar um ambiente confortável para que o leitor expressasse sua verdadeira impressão sobre o livro e seus sentimentos e emoções.

O primeiro entrevistado foi um leitor juvenil de 11 anos de idade, que reside com seus pais e irmão mais novo, estudante de uma escola particular de Novo Hamburgo em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Neste contexto, o chamaremos de Artur.

Durante a leitura da obra, Artur criou interessantes pontos de reflexão sobre a história de Maria. Ao ser questionado sobre qual personagem lhe chamou mais atenção, o leitor mencionou a Barbuda. Como justificativa, frisou a postura protetora da personagem com a Maria, dizendo que “ela fica *na cola* da Maria sempre”. O entrevistado possui uma relação semelhante com sua mãe, situação mencionada por ele mesmo, o que ocasiona nessa identificação.

Sobre a questão de identificação direta com algum momento ou personagem da narrativa, Artur apresentou que se reconheceu em Maria no momento de “abrir portas” e reviver lembranças, sejam elas boas ou ruins. Nessa perspectiva, nota-se o ponto frisado por Bettelheim sobre a importância da literatura para explicar realidade através da fantasia, pois, mesmo com toda a parte lúdica dos sonhos de Maria, o leitor conseguiu entender o que havia por trás do que estava explícito.

O segundo entrevistado foi um menino de 15 anos de idade, que reside com seu pai e irmão mais velho, estudante de uma escola pública de Novo Hamburgo em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental. Neste contexto, o chamaremos de Davi.

Na conversa com o leitor Davi, ele colocou que sua identificação maior foi com a protagonista da história. É importante frisar que o entrevistado perdeu sua mãe, aos 12 anos de idade, vítima de câncer. Mesmo com esse fator que o aproxima de Maria, ele justifica que sua identificação aconteceu, principalmente, “quando ela estava nas aulas, ela estava tendo dificuldades e agora eu estou me identificando”. Dentro desse aspecto, Bettelheim (2002) explica que as experiências e reações importantes na vida da criança acontecem no subconsciente e só serão racionalizadas quando ela alcançar uma idade e compreensão mais madura, ou seja, não se explica ao leitor infantil e juvenil porque a obra é importante ou quais sentimentos ela atinge, ela simplesmente os sentirá.

Ao ser questionado se algum momento da narrativa lhe causou desconforto ou incômodo, Davi respondeu que não. Sobre o que sentiu ao conhecer a história de Maria, ele explicou que ficou chateado com o fato da perda dos pais e com a necessidade da personagem de ficar com a avó. Bettelheim coloca que “Histórias estritamente realistas correm contra as experiências internas da criança, ela escutará e talvez extraia alguma coisa, mas não pode extrair muito significado pessoal que transcenda o conteúdo óbvio.” (2002, p. 56), para Davi, muitos sentimentos e situações são reais em sua vida, o que não lhe causa surpresa ou desconforto. Mesmo assim, ele consegue extrair algo significativo da narrativa, seja como forma de identificação ou de aceitação de que o narrado acontece, mesmo que seja triste.

A terceira entrevistada foi uma menina de 14 anos de idade, que reside com seus pais, estudante de uma escola pública de Novo Hamburgo em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Neste contexto a chamaremos de Sofia. A leitora apresentou uma forte identificação com a protagonista Maria, sua justificativa foi “que a Maria é meio quieta e eu também sou, ela não gosta de interagir muito”. Ao explicar sobre qual parte da história ela se identificou, Sofia retoma o fato de não gostar muito de falar em ambientes com muitas pessoas, como quando Maria chega na casa da avó e está acontecendo uma festa. Neste caso, nota-se que a literatura trouxe um conforto à leitora que viu, na personagem principal, algo que faz parte de sua vida e, principalmente, que há outras crianças e/ou adolescentes que sentem o mesmo.

#### **4.2 A presença da literatura na vida do sujeito em formação**

Durante a descrição teórica deste trabalho, foi apresentada a importância da vivência literária desde a infância. Através da literatura, a criança alcança novos olhares e percepções sobre o mundo em que vive, além de compreender sentimentos e emoções que não sabe nomear.

Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber a diferença presente entre os leitores que possuem o hábito da leitura e os que não costumam praticá-lo. Ter o contato com o mundo literário proporciona uma visão ampla, além do conteúdo óbvio. Ou seja, o indivíduo alcança um pensamento interpretativo avançado sobre a obra. Isso não quer dizer que aqueles que não estão em constante contato com a

literatura não consigam interpretar a narrativa, até porque cada um terá uma visão única sobre a obra, dependendo de suas vivências e realidade.

Artur, por exemplo, estuda em uma escola que proporciona a retirada de livros semanalmente. Além disso, ele iniciou aulas particulares desde o início do ano de 2021, em que teve a oportunidade de trabalhar com livros literários tendo a supervisão de uma profissional da educação e, como ele explica, “eu comecei a ler agora, antes eu quase nunca lia, só os livros da escola mesmo”. Dessa forma, ele representa um leitor ativo, que possui um ensino direcionado proporcionando uma ampliação literária interpretativa.

Ao ser questionado sobre a relação do título do livro com a história, Artur trouxe a *Corda Bamba* como protagonista da narrativa. Segundo sua explicação, ela seria a personagem principal pois participa de todos os momentos da vida de Maria e de seus pais. Ainda quando foi indagado sobre o fato indicar a leitura para outra pessoa, Artur apresentou a seguinte opinião sobre a obra, “você vai aprender coisas importantes da vida”.

Davi teve um contato com a literatura desde cedo, quando, segundo ele, sua mãe lia algumas histórias no momento de dormir, mas não era algo frequente. Porém, o hábito da leitura não está presente em sua rotina. O entrevistado conta que lê às vezes, mas prefere livros de fantasia e ficção científica. O leitor contou que achou *Corda Bamba* “mais ou menos”, justificando que é bom, mas não é o estilo de livro que ele gosta.

O leitor Davi entendeu que o título é uma espécie de resumo da história, colocando que seria um “spoiler” do que irá acontecer. O entrevistado conclui que indicaria a leitura a outra pessoa, mas não conhece ninguém que gostaria de ler a obra no momento.

Sofia, no momento, estuda em uma escola que não propicia a retirada de livros de forma regular. Além disso, contou também que a leitura não foi muito presente em sua infância, pois seus pais não possuíam o hábito de contar histórias. Mas, durante a primeira etapa do Ensino Fundamental, Sofia estudou em uma escola municipal que proporcionava uma visita semanal à biblioteca. Durante esse período, ela teve mais contato com a literatura e conheceu importantes obras juvenis, como a coletânea *Harry Potter*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Uma série de fantasia escrita pela autora britânica J.K. Rowling.

A leitora entendeu que o nome da história faz relação com o contexto em que Maria vivia, o circo. Ela relatou que gostou muito da obra e ficou comovida com a vida de Maria, concluindo que indicou o livro aos seus pais, que ficaram muito interessados em conhecer a obra.

#### **4.3 A comunicação com o leitor**

No capítulo 3 deste trabalho, foi apresentado como a autora Lygia Bojunga alcança o seu público infantil e juvenil. Além das questões de linguagem, também vale frisar o fato de que Bojunga é uma autora gaúcha, que nasceu e morou durante a sua infância em Pelotas. Apesar de a obra não apresentar um conteúdo regionalista, ela foi escrita por uma brasileira que transmite a realidade familiar presente na vida de muitas crianças e adolescentes.

Todos os entrevistados para esta pesquisa, mostraram que, em algum momento da história, se identificaram com alguma personagem ou com alguma situação. Eles tinham a liberdade de responder que a obra não lhes impactou de nenhuma forma, ou que ela foi algo distante de sua realidade, mas acabaram trazendo essa significação do mundo literário para o real.

A leitora Sofia colocou que, “no início teve algumas partes que eu fiquei meio confusa, mas no final eu entendi tudo”, isso porque ela não entendia o que Maria estava fazendo de fato ao narrar que passava por uma corda bamba na janela. Porém, ao continuar a leitura do livro, ela demonstrou conseguiu interpretar que eram sonhos da personagem que faziam com que ela atravessasse a janela de seu quarto em uma corda bomba, e abrisse portas revisitando suas memórias.

Esses fatores demonstram que Lygia alcança, através da fantasia, o mais profundo sentimento de seus leitores, sejam eles praticantes, ou não, da leitura em seu cotidiano. Davi, por exemplo, relatou que “sobre tudo que eu li ali, da história, eu fiquei meio chateado por causa dos pais dela”, demonstrando que, mesmo que sua opinião sobre o livro tenha sido de que ele é “mais ou menos”, a vida de Maria lhe impactou.

O leitor Artur trouxe que se sentiu incomodado quando “a Márcia e o Marcelo caem da corda bamba”, pois, segundo ele, foi possível imaginar a cena por completo. Esse aspecto torna-se interessante pelo fato de que, por sua descrição, a

autora consegue provocar no leitor a sensação de estar no momento do acontecimento.

Estabelecer uma comunicação com o leitor, pensando que não se conhece o interlocutor por completo, é uma tarefa complexa para o escritor. Expressar e narrar todos os acontecimentos de forma a impactar o jovem leitor, exige uma construção narrativa coerente e completa. Como já dito no trabalho, em uma narrativa, o protagonista é responsável pela fala e ele construíra o sentimento do se quer que seja dito. Mesmo quando Bojunga deixou Maria calada, ela estava transmitindo algo através de sua escrita.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a construção do discurso, realizado pela autora Lygia Bojunga na obra *Corda Bamba*, que estrutura o processo psicológico traumático da personagem Maria, e a importância da narrativa para a literatura infantil e juvenil. Para isso, perpassamos por conceitos que estruturam a comunicação social e que estabelecem uma relação entre o desenvolvimento infantil e literatura como instrumento de auxílio nesse processo, pois “[...] a infância é o período de aprender a construir pontes sobre a imensa lacuna entre a experiência interna e o mundo real.” (BETTELHEIN, 2002, p. 70).

Como visto, é necessário que a criança aprenda a entender e a lidar com seus sentimentos de forma lúdica, pois ela ainda não consegue representar de forma concreta o que está passando em seus pensamentos. Tendo em vista que “Nas crianças é mais fácil observar o impacto da ficção, elas se apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo.” (CORSO; CORSO, 2006, p. 28), através das entrevistas realizadas com diferentes leitores, foi possível constatar que Lygia Bojunga alcança o seu público levando reflexões sobre aspectos importantes da vida, utilizando a fantasia.

Constatou-se que a autora da obra analisada, *Corda Bamba*, percorre um caminho narrativo que demonstra, com uma linguagem que faz parte do cotidiano do leitor, o percurso psicológico de superação traumática da personagem. Para tanto, entende-se que ela conhece o seu interlocutor, estabelecendo um ato de comunicação relevante para alcançar o seu objetivo com a história, o de mostrar que “[...] a criança vive na corda-bamba, tanto do ponto de vista material quanto espiritual. É um requintado equilibrista alguém ser capaz da travessia, vencendo todos os obstáculos, e chegar do outro lado, feito um adulto maduro [...]” (MALHEIROS, 2000, p. 2).

Como vimos no início do aporte teórico construído na pesquisa, para Charaudeau (2019) a linguagem é reflexo do pensamento e é através dela que nos expressamos no convívio social. Sendo assim, Bojunga estabelece o contexto de comunicação, que faz referência ao uso da palavra, ou sequência de palavras, em um determinado ambiente textual. A autora entende que seu público leitor, na sua maioria, é infantil ou juvenil, mas também sabe que suas obras alcançaram adultos

também, por isso, “Serão a maturidade do leitor e a sensibilidade de suas antenas que propiciarão outras leituras, talvez não tão divertidas quanto a primeira, mas por certo muito ricas.” (MALHEIROS, 2000, p. 2). Interpretar uma obra também exige um percurso de construção narrativa, da mesma forma que o locutor deve estabelecer a relação pretendida com sua fala.

Assim, para o sujeito interpretante, interpretar é criar hipóteses sobre: (i) o saber do sujeito enunciador; (ii) sobre seus pontos de vista em relação aos seus enunciados; (iii) e também seus pontos de vista em relação ao seu sujeito destinatário, lembrando que toda interpretação é uma suposição de intenção. (CHARAUDEAU, 2019, p. 31)

Para melhor compreensão dessa construção, três leitores, de diferentes idades e realidades sociais, foram ouvidos sobre a sua experiência com a obra. Constatou-se que, apesar de ser o mais jovem, o leitor Artur, de 11 anos, conseguiu elaborar uma interpretação mais complexa das fantasias utilizadas para retratar o processo psicológico de Maria. Esse fato valeu-se de sua relação com a literatura, pois o jovem é um leitor assíduo, além de ter um acompanhado profissional diariamente. Sendo assim, é possível constatar o que Bettelheim (2002) argumenta sobre a importância da literatura para a crianças, pois é através dela que será estimulado recursos para que ela aprenda a lidar com problemas interiores.

Como dito anteriormente, esse acontecimento não anula a capacidade de compreensão dos outros entrevistados, pois todos alcançaram uma interpretação individual sobre a narrativa. Com o relato do leitor Davi, de 15 anos, constatou-se que questões que são simbólicas no livro, como o limite da nossa existência, ou seja, a morte, para ele retrata a sua realidade. Tendo passado pela superação, ou ainda estando nesse processo, da perda da mãe com cerca da mesma idade da personagem, Davi não se mostrou impressionado com a abordagem do assunto feita por Lygia. Isso vai de encontro com o que Bettelheim explica sobre a dificuldade em extrair um significado que transcenda o óbvio quando a história contém conteúdos muito realistas que, no caso, o sentimento de perda e a própria perda não são fantasias para o leitor Davi.

A leitora Sofia, não possui um contato constante com a leitura, comentando que, em um primeiro momento, ficou confusa com os sonhos fantasiosos da personagem Maria. Porém, a leitora de 14 anos, mostrou-se contente em ter se identificado com a personalidade de Maria, pois também, muitas vezes, prefere não

falar muito com outras pessoas. Bettelheim (2002) argumenta que, segundo Freud, a história é capaz de dar consciência a imensa mistura de emoções com que cada criança precisa lidar em uma certa idade, e é através da identificação e representação que o leitor conseguirá buscar essa compreensão. Sofia, ao ver que a personagem também se sente como ela, criou uma simpatia que a proporcionou um entendimento sobre suas emoções.

Tudo isso, como já explicado, é fruto de uma construção narrativa da autora Lygia Bojunga. A pesquisadora Marinalva Vieira Barbosa, explica que o estudo sobre o discurso de emoção tem como objetivo “[...] considerar termos linguísticos arregimentados como estratégias para melhor construir o projeto de dizer de ordem emotiva.” (2009, p. 106). Assim, constatou-se que a autora transmite as emoções, até as mais profundas, de Maria através da linguagem e do discurso que constrói ao longo da narrativa. Esse fato é perceptível ao analisar os termos que Bojunga utiliza ao representar a depressão da personagem e, depois, o seu entendimento de tudo que havia vivido. Além disso, a partir das falas coletadas nas entrevistas, também foi possível perceber que os jovens leitores compreendem essa transformação ao longo da narrativa.

Concluindo, através de todo aporte teórico construído durante a pesquisa e da análise realizada tendo como base as falas de leitores reais, é possível afirmar que a literatura infantil e juvenil desenvolve um papel de extrema importância no desenvolvimento psicológico da criança. A autora Lygia Bojunga, em sua obra *Corda Bamba*, construiu um discurso narrativo capaz de transmitir aos jovens leitores as emoções traumáticas da personagem Maria, utilizando-se de uma linguagem cotidiana e real. Com o auxílio da fantasia, Bojunga lida com problemas difíceis em sua obra, mostrando que, apesar de algumas situações não possuírem sentido na consciência imatura da criança, elas podem ser superadas através de estímulos e recursos que o sujeito constrói ao longo do amadurecimento emocional.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marinalva Vieira. **Linguagem e emoção**. Revista GEL, São Paulo, p. 104-124, 2009.

BARBOSA, Marinalva vieira. **Qual o lugar das emoções nos estudos da linguagem no século XXI?**. Revista Anpoll, Uberaba, MG, p. 94-117, 22 jun. 2010.

BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 (PDF)

BOJUNGA, Lygia. **Corda Bamba**. 17. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

CANAIVÊZ, Fernanda; HERZOG, Regina. **A Linguagem das Resistências: considerações sobre o trauma na clínica psicanalítica**. Revista Ágora, Rio de Janeiro, p. 327-341, 2 jul/dez. 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2019

\_\_\_\_\_. **Pathos e discurso político**. In Ida Lucia Machado, William Menezes, Emília Mendes (org.), *As Emoções no Discurso*, Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 240-251, 2007.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. Trad. Carlos Vogt. São Paulo: Cultrix, 1980.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006

MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas: de Perrault, Grimm, Anderson & outros**. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MALHEIROS, Eglê. A criança na corda-bamba: a literatura de Lygia Bojunga. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.5, Brasília, p. 1-4, março/2000.

SAUSSURE, Fernand de (1916). **Curso de Linguística Geral**. 28 ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Márcio Seligmann. **Literatura e Trauma**. Pro-Posições, São Paulo, p. 135 – 153, v. 13, n.3, set/dez 2002.

SOUZA, Maria Thereza C.C. **As relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico**. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, São Paulo, p. 249-254, Abr/Jun 20

## APÊNDICE

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Apresentação da pesquisadora e da pesquisa:

- Nome, linha de pesquisa, universidade, objetivos, justificativa;

Perguntas introdutórias:

- Nome, idade, formação familiar;
- Ano escolar;
- Escola pública ou privada?

Perguntas sobre a biografia da pessoa:

- O que você mais gosta de fazer sozinho/a?
- O que você mais gosta de fazer com a família?
- O que você mais gosta de fazer com os/as amigos/as?

Perguntas relacionadas ao hábito de leitura:

- Você possui o costume de ler?
- Seus pais/irmãos/parentes próximas liam para você, antes de você aprender a ler?
- Você já teve uma experiência boa com leitura, algum livro ou história marcante?
- Quais histórias você ouvia antes de aprender a ler, seja na escola ou em casa?

Perguntas relacionadas ao livro *Corda Bamba*:

- Em linhas gerais, o que você achou da obra?
- Qual das personagens mais te chamou atenção? Por quê?
- Houve alguma parte em que você se identificou com a Maria? Qual e por quê? Se não, por que você acredita que não tenha se identificado com a personagem?
- Alguma coisa na leitura do livro incomodou você?
- Para você, qual relação há entre o título do livro e a história?
- Qual foi seu sentimento ao conhecer a história da Maria?
- Você indicaria o livro para algum/a amigo/a ou para algum/a conhecido/a? Por quê?

## ANEXO

Apresentação da pesquisadora e da pesquisa:

- o Nome, linha de pesquisa, universidade, objetivos, justificativa;

Perguntas introdutórias:

- o Nome, idade, formação familiar;  
Artur<sup>1</sup>, 11 anos, mora com mãe, pai e irmão mais novo, de seis anos.

- o Ano escolar;

5º ano do Ensino Fundamental.

- o Escola pública ou privada?  
Estuda em uma escola particular de Novo Hamburgo.

Perguntas sobre a biografia da pessoa:

- o O que você mais gosta de fazer sozinho/a?

Eu gosto de ficar na cama, pegar a bichacha (gata), dai eu coloco ela em cima do cobertor e jogo. Dependendo do dia, eu jogo celular na cama ou computador sentado na mesa, mas normalmente eu prefiro assistir tv.

- o O que você mais gosta de fazer com a família?

Eu gosto de sair pra almoçar. Quando estou em família, também gosto de sentar na sala e assistir à um filme, normalmente de terror porque minha mãe gosta. A gente também assisti à documentários, ou séries, ou filmes divertidos.

- o O que você mais gostar de fazer com os/as amigos/as?

Eu gosto, principalmente, de jogar futebol e conversar. Eu os encontro mais na escola, raramente nos encontramos um na casa do outro.

Perguntas relacionadas ao hábito de leitura:

- o Você possui o costume de ler?

Eu comecei a ler agora, antes eu quase nunca lia, só os livros da escola mesmo.

- o Seus pais/irmãos/parentes próximas liam para você, antes de você aprender a ler?

A mãe lia pra mim. Eu não lembro muito, mas ela me mostrou um vídeo.

---

<sup>1</sup> Os nomes utilizados para este trabalho serão fictícios.

o Você já teve uma experiência boa com leitura, algum livro ou história marcante?

Sim, esse livro (Corda Bomba). E, antes, quando eu era bem pequeno, um sobre Dinossauros, que tinha como sentir as diferentes peles dos Dinossauros.

o Quais histórias você ouvia antes de aprender a ler, seja na escola ou em casa?

Eu acho que, praticamente todo mês, a professora fazia uma rodinha de leitura. Tinha um espaço na frente da sala, a professora sentava em uma cadeira mais alta e os alunos faziam uma rodinha em volta dela.

Perguntas relacionadas ao livro Corda Bamba:

o Em linhas gerais, o que você achou da obra?

Eu achei muito boa, é um livro muito bom. Só não entendi muito bem as imagens, mas o livro é muito bom, principalmente a escrita.

o Qual das personagens mais te chamou atenção? Por quê?

A Barbuda, porque é meio estranho. Ela fica “na cola” da Maria sempre, pra mim marcou bastante.

o Houve alguma parte em que você se identificou com a Maria? Qual e por quê? Se não, por que você acredita que não tenha se identificado com a personagem?

Sim, por ela ser curiosa e por ficar lembrando das coisas da infância. Igual as portas, ela ia na Corda Bamba e descia no andaime, e no corredor sempre tinha as lembranças, boas e ruins. Eu também tenho isso, às vezes.

o Alguma coisa na leitura do livro incomodou você?

Quando a Márcia e o Marcelo caíram da Corda Bomba. Nossa, a imagem não mostra muito, mas deu pra entender bastante o que aconteceu. (E imaginar como a Maria deve ter se sentido...) Nossa, não posso nem imaginar.

o Para você, qual relação há entre o título do livro e a história?

A Corda Bamba, praticamente, é a personagem principal, junto com a Maria. Ela tá participando quase sempre da vida da Maria, e da vida dos pais da Maria, da história, corda bamba tá participando de tudo.

o Qual foi seu sentimento ao conhecer a história da Maria?

Acho que de tentar ajudar ela.



o Você indicaria o livro para algum/a amigo/a ou para algum/a conhecido/a? Por quê?

Sim, eu diria que o livro é muito bom. Eu diria “lê, que você vai aprender coisas importantes da vida”.

Apresentação da pesquisadora e da pesquisa:

- Nome, linha de pesquisa, universidade, objetivos, justificativa;

Perguntas introdutórias:

- Nome, idade, formação familiar;  
Davi, 15 anos, mora com o pai e um de seus irmãos mais velho.
- Ano escolar;  
8º ano do ensino fundamental.
- Escola pública ou privada?  
Estuda em uma escola pública de Novo Hamburgo.

Perguntas sobre a biografia da pessoa:

- O que você mais gosta de fazer sozinho/a?  
Quando eu estou sozinho eu gosto de mexer no celular, jogar, de vez em quando eu leio, bem de vez em quando.
- O que você mais gosta de fazer com a família?  
Um churrasco em casa, sair pra ir em um restaurante.
- O que você mais gosta de fazer com os/as amigos/as?  
Às vezes a gente joga ali fora (na rua), jogamos bola ou jogamos no celular também.

Perguntas relacionadas ao hábito de leitura:

- Você possui o costume de ler?  
Não muito.
- Seus pais/irmãos/parentes próximos liam para você, antes de você aprender a ler?  
Minha mãe lia pra mim alguns livros infantis. Antes de eu aprender a ler ela já lia pra mim, às vezes eu pedia para ela ler um livro para eu dormir.
- Você já teve uma experiência boa com leitura, algum livro ou história marcante?  
Que marcou muito, não. O que eu me lembro mais é do Pinóquio.
- Quais histórias você ouvia antes de aprender a ler, seja na escola ou em casa?

História infantis no geral.

Perguntas relacionadas ao livro *Corda Bamba*:

- Em linhas gerais, o que você achou da obra?  
Achei mais ou menos, não é o tipo de livro que eu leria. Eu leria mais fantasia, ação, ficção científica.
- Qual das personagens mais te chamou atenção? Por quê?  
Foi a protagonista mesmo, pela corda bamba mesmo, por conta da altura e aquela coisa.
- Houve alguma parte em que você se identificou com a Maria? Qual e por quê? Se não, por que você acredita que não tenha se identificado com a personagem?  
Não... Ah, teve sim, quando ela estava nas aulas, ela estava tendo dificuldades e agora eu estou me identificando.
- Alguma coisa na leitura do livro incomodou você?  
Não.
- Para você, qual relação há entre o título do livro e a história?  
O título meio que é o resumo, um “spoiler” do que vai acontecer.
- Qual foi seu sentimento ao conhecer a história da Maria?  
Sobre tudo que eu li ali, da história, eu fiquei meio chateado por causa dos pais dela e coisa... eu fiquei meio chateado, estranho.
- Você indicaria o livro para algum/a amigo/a ou para algum/a conhecido/a? Por quê?  
Indicaria, mas não ninguém agora que eu conheço. Não conheço nenhum amigo que leia.

Apresentação da pesquisadora e da pesquisa:

- Nome, linha de pesquisa, universidade, objetivos, justificativa;

Perguntas introdutórias:

- Nome, idade, formação familiar;  
Sofia, 14 anos, mora com os pais.
- Ano escolar;  
9º ano do Ensino Fundamental.
- Escola pública ou privada?  
Estuda em uma escola pública de Novo Hamburgo.

Perguntas sobre a biografia da pessoa:

- O que você mais gosta de fazer sozinho/a?  
Eu gosto muito de mexer no celular, assistir séries e eu leio às vezes também.
- O que você mais gosta de fazer com a família?  
Sair para ir em uma restaurante e ir ao shopping.
- O que você mais gostar de fazer com os/as amigos/as?  
Mesma coisa, ir ao shopping, assistir algum filme no cinema, algo assim.

Perguntas relacionadas ao hábito de leitura:

- Você possui o costume de ler?  
Às vezes, mas mais pelo celular.
- Seus pais/irmãos/parentes próximas liam para você, antes de você aprender a ler?  
Não lembro.
- Você já teve uma experiência boa com leitura, algum livro ou história marcante?  
Harry Potter, eu acho.
- Quais histórias você ouvia antes de aprender a ler, seja na escola ou em casa?  
Quando eu estudava na outra escola, tinha a biblioteca que a gente ia toda a semana e pegava um livro. Agora (na escola atual), não tem isso.

Perguntas relacionadas ao livro *Corda Bamba*:

- Em linhas gerais, o que você achou da obra?  
Eu gostei bastante, achei bem interessante. No início teve algumas partes que eu fiquei confusa, mas no final eu entendi tudo. Eu achei muito legal na verdade.
- Qual das personagens mais te chamou atenção? Por quê?  
A Maria, a principal, e a Barbuda também. A Maria é meio quieta e eu também sou, ela não gosta de interagir muito. E a Barbuda porque é o outro lado, ela fala muito.
- Houve alguma parte em que você se identificou com a Maria? Qual e por quê? Se não, por que você acredita que não tenha se identificado com a personagem?  
Quando ela chega na casa da avó, ela fica mais no canto dela, não gosta de conversar com as crianças ali.
- Alguma coisa na leitura do livro incomodou você?  
Não.
- Para você, qual relação há entre o título do livro e a história?  
Sim, por causa do circo, de ela gostar de andar na corda e estar sempre passando na janela para abrir as portas.
- Qual foi seu sentimento ao conhecer a história da Maria?  
Eu achei bem tenso tudo que aconteceu com os pais dela e ela ter esquecido tudo isso, e avó dela também ter sequestrado ela, eu achei bem triste.
- Você indicaria o livro para algum/a amigo/a ou para algum/a conhecido/a? Por quê?  
Indicaria, sim. Até meu pai queria ler ele.